

COMPLEXIDADE, CARTOGRAFIA DE

COMPLEXITY, CARTOGRAPHY OF

Cristina Ribas*

Resumo

A noção de complexidade emerge no trabalho de Felix Guattari relacionada à sua produção de cartografias esquizoanalíticas (GUATTARI, 2013). A complexidade como conceito pode ser pensada da mesma maneira que as cartografias esquizoanalíticas, ambos conceitos são gerativos e servem não apenas para entender, mapear e analisar, mas também para incitar, inventar, criar e modular processos. O conceito de complexidade, junto com a análise de Guattari de modos de subjetivação no capitalismo contemporâneo é muito útil para entender políticas de subjetivação (ROLNIK, 2010) implicadas em modos de produção contemporâneos, seja no campo das artes, da clínica, dos movimentos sociais ou outros. Neste artigo, eu discuto o trabalho de coletivos, grupos e projetos de pesquisa que têm usado a cartografia de complexidade para trabalhar processos na tensão micro-macropolítica. Eu argumento neste artigo como processos cartográficos são constitutivos dos cartógrafos-pesquisadores eles mesmos, interferindo portanto na dicotomia que separa pesquisador do objeto de pesquisa. A cartografia opera como ferramenta militante e micropolítica, realizando a análise dos fluxos do poder e do capital, ao mesmo tempo em que atua como ferramenta constitutiva de processos de subjetivação, em seus processos de singularização na resistência à diversas opressões.

Palavras-chave: cartografia; complexidade; subjetividade; criação; semiotização.

Abstract

Complexity is a notion that emerges in Felix Guattari's work related to his production around schizoanalytical cartography. Complexity as a concept can be thought of on the same way as the schizoanalytical cartographies themselves, both are concepts that are generative, aiming not only to understand, map and analyse, but also unleash, invent, create, modulate processes. The concept of complexity, together with Guattari's analysis of the modes of semiotisation from contemporary capitalism is very useful to understand the politics of subjectivation embed in contemporary modes of production, in the realm of the arts, clinics, social constituencies and more. In this article, I discuss the work of collectives, groups and research projects which have been using cartography of complexity to work out micropolitical processes. I argue in this article how cartographic processes are constitutive of the cartographer-researcher, interfering in the dichotomy that separates the researcher from the object of the research. Cartography operates as a militant and micropolitical research process that carries out an analysis of the flows of power and capital (while it also works as a constitutive element of the processes of subjectivation) in its processes of singularization, resisting several oppressions.

Keywords: cartography; complexity; subjectivity; creativity; semiotization.

Quem diz a verdade? Esta não é mais a questão, mas sim a de saber como e em que condições pode melhor aflorar a pragmática dos acontecimentos incorporais que recomporão o mundo, reinstaurarão uma complexidade processual.

(GUATTARI, 1992, p. 17)

Todos aqui devem ter tido a experiência – eu, pelo menos, a tenho frequentemente – do contraste entre a descoberta da complexidade, da riqueza, da diferenciação que se pode ter entre uma experiência onírica e a pobreza de meios que se tem ao despertar, quando se tenta expressar essa produção onírica pela rememoração, pela escrita ou pelo desenho. Aqui, eu me permitiria questionar toda referência à indiferenciação, toda referência às mitologias espontaneístas: toda vez que conseguimos agenciar dispositivos de expressão que escapam ao despotismo do sistema das significações dominantes, que escapam à articulação de todas as sintaxizações dominantes, estamos justamente lidando com maquinismos altamente elaborados.

(GUATTARI; ROLNIK, 1987)

Apenas pela intersecção do finito e do infinito, no ponto de negociação entre complexidade e caos, será possível desenroscar graus de complexidade mais altos dos que o capitalismo financeiro é capaz de gerenciar e elaborar.

(BERARDI, 2012)

Ressalva

A cartografia de complexidade quando aplicada na composição de territórios, na apresentação de mapeamentos, na criação de planos diversos, na criação de novos signos que desviam das significações dominantes é também uma destruição. Quando dizemos cartografia funcionando como ferramenta de composição de lutas de resistência, devemos considerar também a função destruidora das cartografias. A “cognição criativa” (KASTRUP, 2008) trabalhada a partir dos métodos cartográficos não é, portanto, meramente acumulativa. Ela opera por meio de processos e modos de semiotização que, além de seleção, edição, desenho, também realiza cortes, apagamentos, destruições.

Complexidade como um conceito

De que maneira a cartografia trabalha processos de singularização ao mesmo tempo em que realiza uma análise do sistema econômico e político que é necessário enfrentar? Neste texto, investigo a noção

[1] Neste artigo dou ênfase ao trabalho de Félix Guattari, não desconsiderando a emergência do conceito de cartografia esquizoanalítica em seu trabalho junto a Gilles Deleuze, principalmente em *O anti-Édipo* e *Mil platôs*. Interessa-me mais o trabalho de Guattari por sua diagramática (pela expressão também visual e cartográfica da teorização de Guattari), e por estar absolutamente relacionado à sua prática junto a movimentos auto organizados, e na instituição psiquiátrica La Borde.

de complexidade como conceito acessório para produzir e analisar processos e projetos que desenvolvem mapas e cartografias, sejam eles mais dedicados ao mapeamento dos fluxos do capital ou à emergência de resistências aos efeitos desses fluxos. Investigo então o trabalho da complexidade como conceito que corrobora nas políticas de subjetivação que os métodos cartográficos mobilizam. O campo teórico e prático são as cartografias esquizoanalíticas desenvolvidas por Felix Guattari [1] como processos cartográficos que operam processos de singularização ao mesmo tempo em que produzem uma análise dos contextos econômicos e políticos nos regimes de austeridade do capitalismo contemporâneo, aos quais é necessário resistir. São matéria deste texto o capitalismo contemporâneo, as lutas de resistência às subjetivações capitalísticas e as políticas de subjetivação e singularização das lutas elas mesmas.

A noção de complexidade emerge no trabalho de Felix Guattari relacionada à sua produção de cartografias esquizoanalíticas (GUATTARI, 2013). O conceito de complexidade pode ser pensado da mesma maneira que as cartografias esquizoanalíticas, ambos conceitos são gerativos e servem não apenas para entender, mapear e analisar, mas também para incitar (*unleash*), inventar, criar, modular processos. A complexidade surge com as bifurcações incitadas pelos processos clínicos no seu encontro com a micropolítica, e faz parte da heterogênese ontológica de Guattari. Guattari define em *Caosmose* (1992) que “a esquizoanálise, mais do que ir no sentido de modelizações reducionistas que simplificam o complexo, trabalhará para sua complexificação”, o que ele chama de um “enriquecimento processual”. A esquizoanálise e a cartografia trabalham então de maneira a corroborar a “tomada de consistência de linhas virtuais de bifurcação e de diferenciação” (GUATTARI, 1992, p. 90-91) em processos de subjetivação. Essa proposta diagramática (e não programática) de Guattari não quer levar sujeitos concretos a bloqueios reais, expondo suas vidas a um caos que os imobiliza, mas quer incitar “caosmoses”. Aquilo que nos imobiliza, por sua vez, são os processos de subjetivação capitalísticos, que exaurem nossa potência de desejo, pré-significando nossos fluxos produtivos dentro da normatividade do capital (subsunção da arte, subsunção da política, subsunção da clínica, subsunção da cartografia – tudo a serviço de uma reprodução social colada ao significante capitalístico).

A noção de complexidade elevada a conceito, junto com a análise de Guattari dos modos de subjetivação no capitalismo contemporâneo é muito útil para entender as políticas de subjetivação (ROLNIK, 2010) implicadas em modos de produção contemporâneos, seja no campo

explicita que esse “Eu” perpassa diversas definições ou realizações de si. Abaixo do hexágono do duplo Semiótico, por exemplo, se lê “‘Eu’ é uma ficção linguística”, e ao lado do duplo Administrativo se lê “‘Eu’ é uma produção social”.

Se é possível que nos reconheçamos eventualmente numa dessas posições, é possível que criemos também outras linhas e outros processos de subjetivação que multiplicam essa cartografia de um “eu”. Como hipotéticos João-bobos somos nós mesmos ali “entre” funções, movimentos, agenciamentos. O João-bobo pode estar sendo agenciado por dois (ou mais) fluxos. O João-bobo pode ser imobilizado por um agenciamento, colocando-o em um impasse, ou forçando-o, com o impasse, a encontrar respostas, resistências, novos movimentos. Da percepção dos diversos agenciamentos em seu corpo, o João-bobo pode produzir diversos “eus” transicionais.

A cartografia “Complexo do Self” coloca em evidência indivíduos não isolados, mesmo que a incidência dos fluxos de agenciamento sejam percebidas com toda sua intensidade sobre o indivíduo isolado. Por isso é necessário analisar de modo coletivo a incidência dos fluxos capitalísticos, por exemplo, explorando os processos de co-sujeição em busca do desenvolvimento de processos de co-produção. A cartografia feita pelo *Bureau D’études* coloca em evidência as significações e as codificações que se imprimem a partir de uma vida e que se projetam em sua identidade e seu corpo – ou seja, os diversos modos de semiotização que se imprimem em sua forma de vida. A cartografia nos atenta para os processos sociais, institucionais, econômicos que se produzem a partir de uma vida e para o aparato que se constrói ao redor do sujeito-assujeitado.

Mas também pode ser que olhamos para essa superfície complexa buscando os espaços e as trajetórias de improvisação e singularidade, ou em como cada um faz uma vida para si, à sua maneira. Se torna evidente que compartilhamos diversas opressões. As opressões são comuns. E os processos de resistência? Como trabalhamos em busca de uma comunalização resistindo às formas de opressão comum que sofremos?

Ler coletivamente essa imagem, essa cartografia, ativa os pontos por onde a cartografia passa. Imagens de complexidade revelam relações muitas vezes invisíveis (porém ativas) em vários processos materiais e ou subjetivos, ou relações de submissão assimiladas, naturalizadas em nossas vidas. Aquilo que se vê nas linhas das cartografias de complexidade, tal como no “Complexo do Self”, mostra relações que

podem ser evidentemente percebidas por diversas formas de opressão. Apresentar essas relações de opressão pode expor condições subjetivas e materiais, marcando campos de subjetivação, e campos do possível (ou do impossível). É possível ler imagens de complexidade como maneira de abrir os “antolhos” de que falou Guattari, abrindo transversais... (GUATTARI, 1992, p. 16-18; 1986, p. 96).

O tipo de *flickering* (vibração) que a cartografia de complexidade quer provocar é o exercício do olhar de não olhar só para uma coisa, mas ao olhar para essa coisa saber que ela é parte de uma multiplicidade de coisas. Como se fosse embaralhar esse próprio texto e rediagramá-lo a partir dos conceitos que ele mobiliza, para assim expor os campos em cruzamento nessas ideias sobre complexidade. A leitura de cartografias de complexidade requer, portanto, muita atenção, ela levanta conhecimento sobre um contexto, ela produz conhecimento, e toca a imaginação, que deslança trabalhando junto com a cognição.

Símbolos Catastróficos do desenvolvimento / formas de resistência nativas

Copiei essa frase do mapa feito pelo projeto Cartografia Crítica da Amazônia. [4]

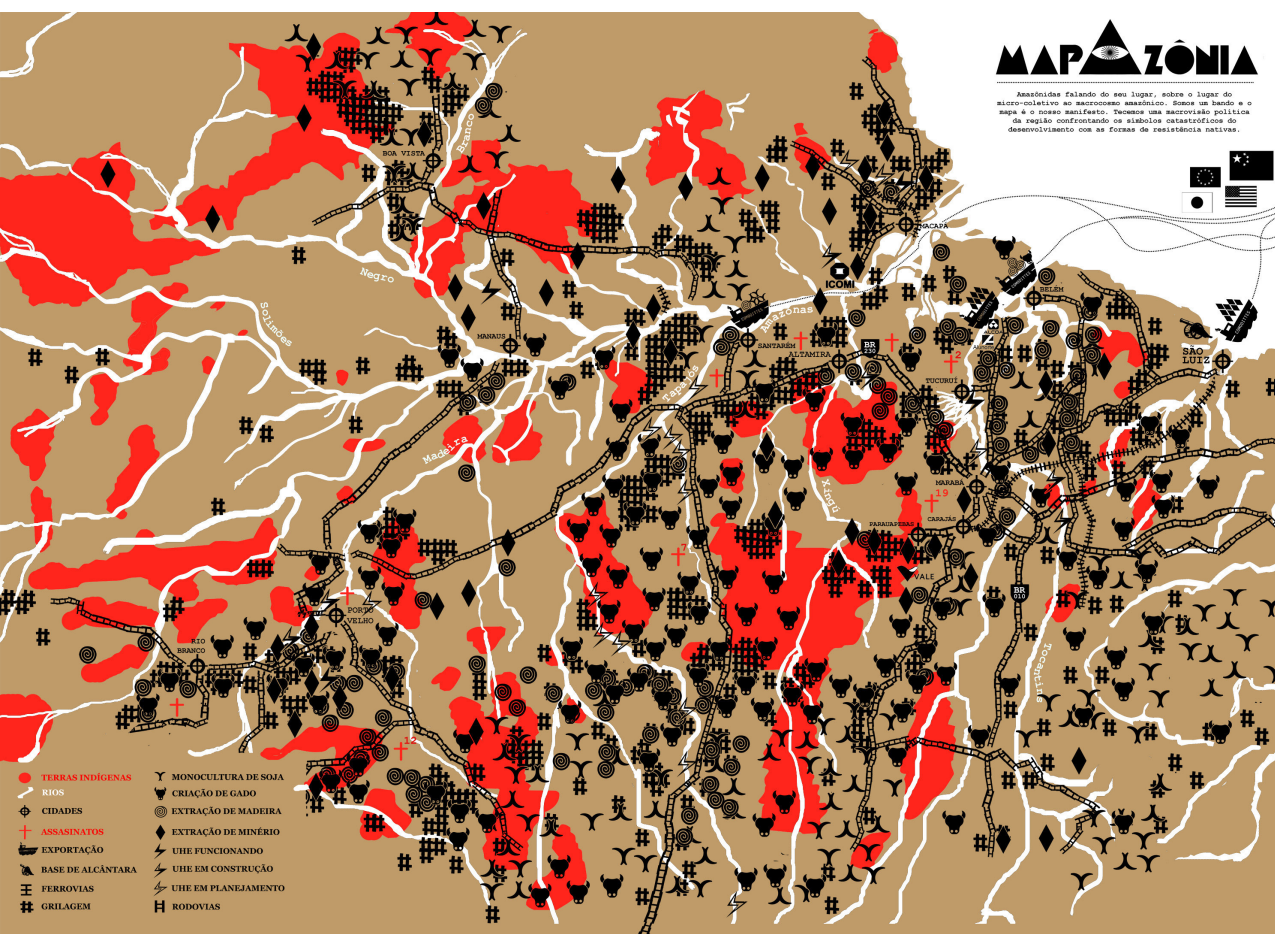
[4] Cartografia crítica da Amazônia: <http://dossie.comumlab.org/>.

A prática do mapeamento ou da cartografia (o fazer dos mapas de complexidade) tem se difundido como estratégia, proporcionando ao trabalho coletivo o desenvolvimento de formas de expressão que operam intervenções. Diversos movimentos auto-organizados têm feito uso da cartografia para apresentar a complexidade das forças de opressão, e ao mesmo tempo trabalharem seus processos de resistência pela criação de novos conhecimentos.

Uma das principais posições que a cartografia pretende discutir é quem e como detém ferramentas de representação do mundo, pensando que é a vida que segue à frente, e as forças e os fluxos do capital a perseguem. É importante ressaltar que quando dizemos representação estamos já em um regime específico. Será esse um regime que se alavanca na manutenção do poder? Podemos pensar naquele mapa do mundo clássico dos tempos da escola, e depois naquele outro, distorcido, que procura a representação “real” do território. Para a cartografia crítica não há neutralidade, e portanto representar ou apresentar um território depende de uma certa ética da apresentação como criação de mundo. “Descascar” os modos de representar e apresentar significa trabalhar na ética das operações cognitivas.

Nem todo mapa é subjugação, contudo, no mundo da representação. A representação ela mesma como ferramenta de produção de verdade torna-se a presença na busca de representações do território-mundo que insurgem das lutas urbanas, das lutas rurais dos movimentos camponeses e das lutas dos territórios indígenas. A defesa da terra, expressa na representação/apresentação do território, torna-se uma questão crucial na atualidade, visto que a remarcação de terra no caso indígena é a garantia da manutenção do direito de permanência na sua própria terra, lugar que conhecem com seus corpos e seus rituais, e que lhes é deveras constitutivo.

Imagem 2 Cartografia crítica da Amazônia



A noção de apresentação vem para contrapor a noção de representação. Eu não vou desenvolver uma análise extensa, mas optar pelo uso de apresentação por conta de seu sentido funcional, junto à ação de mapeamento mesmo. A noção de apresentação difere da noção de representação, mas elas não se opõem. Com a afirmação de que a cartografia não é representação, encontramos uma pista: a cartografia procura produzir efeitos no momento mesmo em que é feita, por isso ela tem o desafio de ser cartografia de intervenção (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009). Ou seja, negar representar não é parte de uma retórica, é um princípio da estratégia dessa prática, é colocar a cartografia ela mesma em estado de experimentação junto com as lutas. Pensar a partir dos efeitos, das intervenções e da apresentação é realizar uma crítica às representações das lutas sociais, abrindo um espaço de composição entre estratégias e lutas. Isso diz de quem detém poderes de representação, e por outro lado também diz das formas de militância e das formas de reprodução das lutas. A pesquisa acadêmica, por exemplo, pode operar como representação e ativar poucas intervenções; a prática de um artista também.

Considerando que comecei esse texto falando de um “complexo do self”, uma pergunta que podemos fazer à cartografia como ferramenta é: de que maneira a cartografia é provocadora de processos de singularização ao mesmo tempo em que provoca uma análise crítica de um sistema econômico e político que é necessário enfrentar? A noção de intervenção é uma maneira de pensar essa “dobra”, essa co-produção entre análise e produção de subjetividade. O cartógrafo compõe com o território à medida que se mexe por ele.

A prática da cartografia como construção da complexidade é, portanto, também uma intervenção na forma de produzir conhecimento e dar acesso ao conhecimento produzido. Ao invés de pensar “produção do conhecimento” podemos pensar em “prática do conhecimento” como versão mais radical, mais autonomizante daquela primeira. A prática do conhecimento está mais diretamente relacionada às intervenções que realiza, e aos efeitos de suas intervenções.

Diversas complexidades têm sido cartografadas na atualidade por pesquisadores, nômades, ativistas, artistas, coletivos, agrupamentos efêmeros, entre outros, como maneira de lidar o problema de apresentar complexidades do capital contemporâneo, das lutas e das políticas de subjetivação. Hoje em dia mapas, cartografias e diagramas, desenhos, planos táticos se confundem e contaminam-se uns aos outros nos seus modos expressivos e nos seus modos de fazer. No vocabulário das práticas políticas e estéticas há uma pedagogia crítica que é inerente

à construção dos mapas táticos, que é o fazer dos mapas ele mesmo. Grupos, projetos, processos intercambiam táticas, ferramentas, símbolos, códigos, softwares, data, metadata, texturas, fontes, referências e mais.

Dessa maneira trabalham por exemplo o coletivo-dupla Iconoclasistas (Argentina) [5], os projetos mobilizados por Pablo de Soto (*Mapping the commons*) [6], a rede LabsurLab na América Latina [7], Antena Mutante (Colômbia) [8], a dupla já citada Bureau D'Études (França), e muitos mais. O trabalho desses grupos vêm mostrando como os agenciamentos do capital têm como efeito a perda dos direitos civis básicos, por exemplo, no Brasil: a perda do direito à moradia no caso das remoções em massa no Rio de Janeiro na ocasião dos mega eventos Copa do Mundo (2014) e Olimpíadas (2016), ou a remoção de maior parte da Vila Autódromo no Rio de Janeiro [9]. A inventividade e a resignificação de espaços comuns em vários lugares do mundo mapeados pelo projeto *Mapping the Commons*, por sua vez, trabalha de maneira a fortalecer processos de resistência nos direitos de uso à cidade, resistindo aos processos de revitalização e transformação das cidades em cidades-mercadoria. Tais grupos e projetos vêm desenvolvendo potentes processos e imagens-cartografia que aumentam o fluxo de apresentações das forças de resistência das incontáveis singularidades que compõe o mundo.

Como se faz uma cartografia?

O método da cartografia a partir das cartografias esquizoanalíticas é, na verdade, um não-método. É uma inversão da noção de método – que de *meta-hodos* se torna *hodos-meta* [10]. Não quero fechar a definição de cartografia apenas segundo as cartografias esquizoanalíticas, mas abrir significações e usos da cartografia como método-não-método de pesquisa que excede a cartografia como representação de território geográfico existente, como na cartografia clássica. A cartografia como não-método trabalha na composição de territórios em diversos planos de significação e diversos planos semióticos, e se dedica a compor planos subjetivos que não são menos reais, são planos que se caracterizam como móveis, cambiáveis, transformacionais.

[5] Iconoclasistas (www.iconoclasistas.net).

[6] Red LabsurLab (<https://labsurlab.org/>).

[7] Mapping the Commons (<http://mappingthecommons.net/pt/mondo/>).

[8] Antena Mutante (<http://antenamutante.et/>).

[9] Diversos projetos que trabalharam uma cartografia ainda que iniciática e precária das remoções. Referências são o projeto <https://cartografiasinsurgentes.wordpress.com/cronica-visual/> e diversos como o blog que documenta a remoção de centenas de casas na favela Estradinha 2014 (<http://www.estradinha1014.blogspot.co.uk/>). A campanha que ganhou mais força foi a Viva a Vila Autódromo (<https://vivaavilaautodromo.org/>).

[10] A inversão entre meta-hodos e hodos-meta quer deixar em aberto o percurso de uma pesquisa. Os autores sugerem que é difícil saber de antemão todos os recursos que um pesquisador irá precisar. Para ler sobre essa inversão recomendo a introdução do livro *Pistas para o método da cartografia*, em PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, (2009, p. 10-11).

[11] Refiro-me aqui ao trabalho de René Lourau, que muito influenciou as cartografias esquizoanalíticas no contexto acadêmico brasileiro.

[12] Um trabalhos da dupla Iconoclasistas é referência para essa espécie de metodologia que descrevo aqui, um o “Manual de Mapeo Colectivo”, 2013 (<http://desarquivo.org/node/1679>).

Para construir uma cartografia em um processo coletivo, precisa-se primeiro estabelecer seu objetivo (ou sua função). Na cartografia não-método muitos caminhos podem ser tomados. Se baseada em levantamento dos dados e na construção de uma imagem, seja como mapa, diagrama ou cartografia propriamente ditos, o que a cartografia como não método não quer deixar fechada é a relação entre objetividade e subjetividade do processo. Portanto a cartografia vale como processo, e não pela objetividade de uma imagem a ser criada. Apresentar algo, portanto, não necessariamente é a parte central de um processo cartográfico, mas sim expor a relação com os processos de subjetivação que se agenciam, com as lutas, as militâncias, a agitação de um campo do desejo junto à produção de conhecimento, por fora dos diversos bloqueios que vivemos no dia a dia.

Faz parte do não-método da cartografia incorporar o processo de investigação como parte da pesquisa ela mesma, observar os efeitos que acontecem já no processo da pesquisa. Por exemplo, mesmo que uma pesquisa cartográfica trabalhe com dados já coletados em pesquisas institucionais ou disponíveis na mídia, a investigação pode incorporar aportes dos próprios participantes-cartógrafos na significação dessa informação (o mesmo vale para os agenciamentos futuros dessa cartografia). Os dados que compõem uma cartografia podem ser coletados entre aqueles que a realizam, a partir de suas experiências de vida, de seus vocabulários e de suas lutas (RIBAS et al, 2014). A cartografia como não-método quer envolver aqueles que seriam tomados como “objetos” de pesquisa, o que a liga a experimentos da socioanálise e da análise institucional [11]. Por isso Guattari fala em “micro-agenciamentos analítico militantes” (GUATTARI, 1987, p. 67), ou na “participação de modelos de construção de suas próprias vidas” (GUATTARI, 2009, p. 173). Nesse sentido, na prática da cartografia, o que está em jogo são os processos de subjetivação incorrendo por meio da própria feita da cartografia. A cartografia na sua processualidade e como não-método procura ser constitutiva dos próprios cartógrafos-pesquisadores, visto que a cartografia induz uma quebra na dicotomia pesquisador-pesquisado. O trabalho da dupla Iconoclasistas, por exemplo, acontece de maneira a, ao mesmo tempo, compartilhar uma metodologia e empoderar lutas locais na América Latina e *alhures*. [12]

olho o sensor de presença que acende a luz na calçada de noite, olho o movimento do metrô e como entramos e saímos dele (há técnicas corporais que aprendemos no dia a dia). Tantas ações automatizadas antes mesmo que eu faça algo, tantos efeitos respondem aos meus movimentos, tantos sistemas produtivos em ação para que o valor (do capital) esteja correndo solto naquele fluxo espesso.

Segundo Franco Bifo Berardi, em *The uprising: on poerty and finance (O levante: sobre poesia e finança)* (2012), o que muda a partir do final da década de 70 na economia é a relação entre tempo e valor. Ou seja, há uma perda de relação direta (não por acaso, por escolha!), ou material, entre tempo de trabalho e valorização. Isso significou uma mudança na forma de agregar valor ao que é produzido, ew da mesma forma ao lucro sobre a produção. A des-relação direta entre tempo de produção e produto (o que não significa o desaparecimento do trabalho por hora!), em que o trabalho já não é físico, muscular ou industrial, aumenta o contraste entre *coisas materiais* e *signo*, sendo o signo, para Berardi, aquilo que mais se produz na atualidade. O signo adquire mais valor do que a matéria emesma, caracterizando produção como “essencialmente semiótica”. O capitalista não se preocupa se está produzindo frangos, livros ou carros, escreve Berardi. “O que é importante para o capitalista é produzir lucro!” (BERARDI, 2012).

Destruição de um mundo

Quando o referente é cancelado, quando o lucro é feito possível pela mera circulação de dinheiro, a produção de carros, livros e pão se tornam supérfluos. A acumulação de valor abstrato é feita possível pela sujeição de seres humanos ao débito, através da depredação de recursos existentes. Berardi chama isso de “destruição do mundo real”, que começa com a emancipação da valorização da produção de coisas úteis, e da auto-replicação sempre crescente de valores no campo financeiro.

Segundo Bifo, a primeira fase do capitalismo seria a da desracionalização entre a medida e a valorização. A segunda fase, ou uma fase moderna tardia, acontece quando a informação entra junto aos fluxos do capital, o que Bifo chama de “abstração digital”. Nessa fase, há um aumento significativo do intercâmbio produtivo entre “máquinas informacionais” porque elas tomam o lugar dos corpos dos trabalhadores, ou seja, máquinas em lugar de corpos vivos. Nessa fase tardia ele diz que os corpos foram “cancelados” do campo da comunicação direta ou conjuntiva e estão separados, ou “conectados” por informação. Nesse ponto ele vê uma “reversão” maior, o que eu chamaria de uma “perversão” do capital.

A emancipação do valor do referente leva à destruição do mundo existente. Berardi insiste em dizer que o que se chama de “crise financeira”, que não é de maneira alguma uma crise, é uma maneira de conduzir o movimento e a vida do capital ele mesmo. O que quer dizer diretamente: a produção da escassez para alguns acontece enquanto outros vivem em abundância e quer dizer a produção de austeridade, com a perda de direitos básicos, inclusive de acesso ao capital ele mesmo.

Quando Berardi fala de uma destruição do mundo, ele fala também no sentido das relações sociais existentes. Ele ressalta que no capitalismo financeiro a violência se torna uma forma de controle. A violência é colocada como forma de opressão direta dos corpos dos trabalhadores e trabalhadoras. (Berardi se refere ao ciclo de manifestações globais a partir da crise de 2008, mas também à violência sobre os processos vitais, à segmentarização da vida em detrimento do trabalho, e à perda de relações afetivas comunitárias acarretando na impossibilidade da constituição redes de solidarização.)

Então, no caminho do aumento da abstração, e do endividamento tomando conta dos processos vitais, ele identifica um aumento da informação que leva à produção de menos significado. Ou seja, há uma maior quantidade de signos circulando, mas eles têm menos referentes reais do que nunca. Alienação extrema. O aumento da circulação de signos sem sentido e o modo da circulação provocam a eliminação do significado e do sentido, gera um sem número de ações vazias, atuadas por sujeitos concretos vazios de singularidade.

O esvaziamento dos signos e o aumento da circulação de signos sem sentido me faz pensar também na perda de sentido de diversas práticas, de diversas ações, ao tentarmos deter em nossas mãos o sentido da produtividade do que fazemos, seja na arte, seja na clínica, seja na academia, seja na militância, seja na política.

Recomposição do mundo

A cartografia de complexidade tem a tarefa de trabalhar na decodificação dos fluxos visíveis e invisíveis do capital, de modo a entender o que caracteriza o capital hoje. E também tem o desafio de recompor um mundo, um mundo de lutas, de resistências, que proliferam para além do binarismo de um mundo a contrapor. Vai se tornando cada vez mais árduo o trabalho daqueles que procuram a resistência aos modelos majoritários ou a análise da relação cada vez mais intrínseca entre vida e capital, entre capital e estado (expresso nas

mentalidades neoliberais que assumem o poder), e os diversos modos de semiotização que se produzem nessa trama. Assim se imprimem modos de vida, direitos, exclusões, criminalizações, obrigações, e por outro lado privilégios, lucros, finos tratos, hierarquias, etc. Tomando a complexidade como ferramenta de estudo do capitalismo contemporâneo e, ao mesmo tempo, de resistência, podemos perceber como o capitalismo avançou e complexificou as linhas, migrações, passagens, sobrecodificando e co-produzindo a vida, e como é inerente à própria vida uma organização rizomática que é, por sua vez, perseguida e significada pelo capitalismo.

A complexidade pode ser um aparato conceitual para definir o modo de operar da economia na era mais “avançada” do capitalismo contemporâneo^[14], que se cola aos fluxos vitais, aliando-se à própria produção do desejo. O capital, contudo, exaure o desejo. O desejo se subsume aos processos de valorização do capital. As conexões ou os “componentes de passagem do desejo humano” são esvaziadas, as “intensidades de desejo são esvaziadas de sua substância”, reduzidas e rearranjadas com normas dominantes e redundâncias (GUATTARI, 2011, p. 156-157). Não por acaso, o trabalho da construção da complexidade surge no momento em que são provocados muitos cruzamentos entre modos de organização social, entre campos do saber como resposta aos esquemas modernos, no momento em que o estruturalismo como forma de constituição do mundo precisava ser decomposto, e outras formas mais rizomáticas precisavam assumir seu espaço.

Lembro aqui novamente daquela ressalva: a variabilidade infinita da vida é também a destruição dos sistemas vigentes. Essa destruição, contudo, não é a destruição de que fala Berardi (destruição do mundo real, das conexões reais, da natureza-mundo). A destruição necessária e à qual me refiro na ressalva é a dos mundos alienantes, destruição que chama outros modos de composição. Assim é proposto, por exemplo, que os microagenciamentos sejam intervenções, ou atravessamentos, nos macroagenciamentos. Que a molecuralidade seja uma força que opera de outra maneira, diferente da majoritária molaridade. No intento de se desemaranhar das forças majoritárias patriarcais, fascistóides, morais e tecnicistas, é preciso redimensionar os fluxos vitais a partir dos agenciamentos de dimensão local, contingencial, relacional. É nesse sentido Guattari e Suely Rolnik concebem a molecularidade. Porém, diz Guattari, os “componentes de subjetivação e conscientização que resultam de modos de semiotização heterogêneos nunca surgem a partir de uma substância significativa vis à vis com um conteúdo e matéria universais” (GUATTARI, 2011, p. 157). Como desenvolve Guattari sobre a “significação do mundo e o sentido do desejo”, assim que “solicitamos quebrar com a redundância das significações dominantes,

[14] Tenho encontrado alguns artigos que usam a expressão “capitalismo avançado”. Talvez não seja este o desejo, mas para mim essa definição parece corroborar com uma compreensão do capitalismo como um modo de produção de sucesso. O capitalismo como modo de produção é pleno de “insucessos”.

isso requer que aumentemos a variedade de nossos recursos semióticos” (GUATTARI, 2011, p. 156).

Assim a cartografia de complexidade pode servir para reverter fluxo das significações, retomar o trabalho dos signos, produzindo novos signos que estão atentos, contudo, a uma composição do mundo mais complexa, mais variada, menos linguística e menos hierarquizada que aquelas no regime estrutural, moral, ritmado por ritornelos automatizados. A cartografia de complexidade pode, por sua vez, trabalhar a singularização e a politização dos signos a partir de uma sensibilidade caótica (no limite entre mundos, no limite entre o finito e o infinito do mundo, no limite entre o eu e o mundo, e mais...), de maneira a fazer entender o que nos toma hoje, como vivemos nossos próprios fluxos produtivos, e não só de que espaços e modos de significação precisamos escapar, mas que mundos e modos de semiotização precisamos destruir. A luta por visualizar, relacionar e apresentar é também por destruir, recompor e criar novos fluxos.

Volto para aquela minha pergunta formulada anteriormente: de que maneira a cartografia é provocadora de processos de singularização ao mesmo tempo em que provoca uma análise crítica de um sistema econômico e político que é necessário enfrentar? A cartografia – referenciando às cartografias esquizoanalíticas – pode se apropriar de um certo materialismo (a cartografia esquizoanalítica como psiquiatria materialista). Trata-se de uma dimensão de análise do desejo, de seus movimentos, considerando que eles são produzidos socialmente, e, portanto, não isoláveis num sujeito concreto (ainda que seja possível analisar um sujeito concreto para encontrar a dimensão coletiva dos agenciamentos do desejo). Gregório Baremlitt, psicanalista, responsável pelo desenvolvimento da técnica do esquizodrama escreve, sobre a esquizoanálise:

Tais estudos são imanentes aos atos e ações revolucionárias e inventivas, que os exigem para assim poder “desmontar” o que inibe, distorce ou impede a produção, escapar desses limites e deflagrar o novo a serviço da diversidade infinita da Vida, contra toda forma de exploração, dominação e mistificação.

(BAREMLITT, 2013, p. 124)

Trabalhar a cartografia de complexidade como conceito para pensar os processos de composição das lutas, das singularidades e do mundo pode se dar a partir de uma dimensão político-clínica, em que podemos “desmontar” aquilo que nos bloqueia, em que podemos destruir aqueles modos de semiotização que não nos servem.

Ocorre-me que uma das maneiras de se pensar a funcionalização dessas não-metodologias, da cartografia de complexidade, por exemplo, é estabelecer relações pragmáticas com a produção do comum – o comum das lutas, o comum da criação, o comum dos recursos e dos saberes – como a grande parte das cartografias de complexidade contemporâneas fazem.

As cartografias esquizoanalíticas, como saber comum a ser colocado em prática, trabalham de maneira a encontrar pontos de “perfuração”, de corte, de virar do avesso – por meio de processos de análise, de transversalização, de criação. Na perspectiva do comum, a cartografia da complexidade deseja ir provocando bifurcações a partir dos atritos das representações e apresentações do mundo. A produção de uma cartografia de complexidade é a construção de signos junto da construção de mundos, em que não estamos isolados ou imersos num caos (possivelmente imobilizador), em que buscamos “ordenamentos” temporários e singulares no caos ou tomamos parte em diversas complexidades. Nos movemos por ali, e por aqui, e por ali...

A recomposição do mundo por meio de destruições não é, portanto, a construção de um todo homogêneo, mas um todo diverso, repleto de singularidades. A cartografia de complexidades se cola às novas semiotizações que se desenvolvem junto da vida, dos caminhos da vida, da ética das lutas, da construção de territórios e sentidos não fixados, pois multiplicam mais as linhas das cartografias dadas, e apagam, ao mesmo tempo, outras linhas. Nosso traçado vai construindo, inevitavelmente, por imprevistos, e dessa forma é provável que produzamos peças inacabadas, protótipos, pistas, rascunhos, diagramas, o que eu chamaria agora de exercícios de singularização na complexidade do mundo. Isso significa a produção de cartografias não totais, mas estratégicas, cartografias que trabalham junto dos processos de subjetivação. E cartografias que se complementam naquele trabalho exaustivo de resistência.

É evidente que algo complexo pode ser difícil. A complexidade é uma palavra que me faz pensar nas equações de química que eu não conseguia resolver na época da escola (visualmente não muito diferentes para meus olhos de alguns diagramas contemporâneos, que desafiam meus olhos astigmáticos e minha dislexia). Ao pensar a composição do mundo no plano de uma complexidade é preciso assumir que não é fácil se mover no mundo. Diante desse impasse, dessa possível dificuldade e imobilidade, inventar caminhos, inventar

bifurcações, discernibilizar inventando novos signos pode ser um modo de habitar essa complexidade.

REFERÊNCIAS

- BAREMBLITT, Gregório. **Dez proposições descartáveis acerca do esquizodrama**. Disponível em: http://www.fgbbh.org.br/artigos/dez_proposicoes.htm. Acesso em 10/2014.
- BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: ESCOSSIA, L. KASTRUP, V. Kastrup; PASSOS E. (orgs.) **Pistas para o método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- BERARDI, Franco (Bifo). **The uprising. On poetry and finance**. Los Angeles/London: Semiotext(e)/MIT Press, 2012.
- GALLI, Tania Maria Fonseca; COSTA, e Luiz Arthur CostRa. **Da diversidade: uma definição do conceito de subjetividade**. In: Em: Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology – 2008, vol. 42, num. 3, pp. 513-519.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular. Pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GUATTARI, Félix. **The machinic unconscious: essays on schizoanalysis**. Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press and Semiotext(e), 2011.
- GUATTARI, Félix. **Schizoanalytic cartographies**. London, New York: Bloomsbury Academic, 2013.
- GUATTARI, Félix; LOTRIGER, Silviane (orgs.). **Soft subversions: texts and interviews 1977-1985**. Los Angeles: Semiotext(e), 2009.
- HUR, D. U.; VIANA, D. A. **Práticas grupais e esquizoanálise: cartografia, oficina e esquizodrama**. In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 68, 2016.
- KASTRUP, Virgínia. **A cognição contemporânea e a aprendizagem inventiva**. In: KASTRUP, V.; PASSOS, E. e TEDESCO, S. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008. P. 93-112.

PASSOS, Eduardo. **Complexidade, transdisciplinaridade e produção de subjetividade**. 2003. Disponível em www.slab.uff.br/index.php/producao/8-textos/46-eduardopassostextos. Acessado 28/09/2014.

PELBART, Peter Pál., **O avesso do niilismo: c – Cartografias do esgotamento. / Cartography of Exhaustion: Nihilism inside out**. São Paulo, /Helsinki: n-1 Edições, 2013.

RIBAS, Cristina. **Vocabulários interseccionando: uma transversal no Brasil entre Junhos disruptivos**. Revista Mesa, 2015. Disponível em: http://institutomesa.org/RevistaMesa_2/vocabularios-interseccionando/.

RIBAS, Cristina et al. **Vocabulário político para processos estéticos.**, Recife/Rio de Janeiro: Editora Aplicação, 2014.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre, RS: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

***Cristina Ribas:** Doutoranda em Artes no Goldsmiths College University of London, sob a orientação de Susan Kelly. Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos pelo Instituto de Artes da UERJ. Procura provocar articulações entre práticas artísticas, produção de conhecimento, memória, história, arquivos, a partir de práticas micropolíticas. Desenvolve a plataforma Desarquivo.org. Faz parte da rede Conceptualismos del Sur. Em 2014 “catalisou” junto a um grande grupo o projeto e livro *Vocabulário político para processos estéticos*.